

resultados para um mesmo paciente, foram superiores a 10% em 86% dos casos. Variações maiores que 20% e 50% entre os valores foram vistos em, respectivamente, 69% e 40% dos indivíduos. Daqueles que apresentaram dosagem de dímeros D alterada na primeira visita, somente 17% tiveram a normalização de seus valores nas visitas subsequentes ao longo da internação e, ao analisarmos apenas os pacientes com dosagem inicial acima de 1.000 ng/mL, esse percentual cai para menos de 9% ao longo do seguimento. **Discussão:** A dosagem de dímeros-D, em pacientes admitidos pelo serviço de emergência, tem seu papel reconhecido como excelente ferramenta para excluir o diagnóstico de evento tromboembólico quando a probabilidade pré-teste não é elevada. No entanto, para pacientes internados o seu papel torna-se questionável, pois vários confundidores clínicos e laboratoriais estão presentes. Contudo, durante a pandemia da CoViD-19, esse exame passou a ser utilizado nesse grupo de pacientes para escores prognósticos, uma vez que, quando alterado à admissão, poderia predizer maior gravidade da doença e estar relacionado a desfechos indesejados. Apesar disso, seu uso seriado ao longo da internação dos pacientes não está bem estabelecido na literatura e o valor dessa estratégia é questionável, uma vez que condutas clínicas específicas não deveriam ser tomadas amparadas unicamente pelos valores encontrados. Além disso, cabe ressaltar, trata-se de exame de elevado custo nas análises clínicas. Os achados aqui expostos mostram, porém, não ser rara a repetição do exame em ambiente hospitalar, com intervalos menores que 30 dias, elevada variação dos valores encontrados e incomum normalização ao longo da internação. **Conclusão:** A dosagem dos dímeros-D mostrou-se alterada em 80% dos pacientes internados. A repetição do exame ocorreu em elevado número de pacientes, com intervalos curtos entre as dosagens, grande variação dos valores encontrados no mesmo indivíduo e infrequente normalização dos que foram elevados inicialmente.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2022.09.929>

ALTERAÇÃO DO HEMOGRAMA E CARGA VIRAL EM SARS-COV-2: ESTUDO UNICÊNTRICO

MJL Watanabe^a, AAR Villarinho^a,
CB Monteiro^a, CEA Mendes^a, ES Junior^a,
EDRP Velloso^{a,b}, LC Bento^a, MM Maluf^a,
RMC Penteado^a, JCC Guerra^a

^a Sociedade Beneficente Israelita Albert Einstein,
São Paulo, SP, Brasil

^b Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Objetivos: Alterações em parâmetros laboratoriais são descritos na infecção por SARS-Cov-2. O objetivo deste trabalho foi analisar o comportamento de parâmetros do hemograma em relação a infectividade do vírus determinada pelo número de ciclos (CT) do PCR, realizados em um laboratório de referência no período de fevereiro a junho de 2020. **Material e métodos:** Foram incluídos 1.218 portadores de SARS-Cov-2 detectados por RT-PCR (plataformas Roche 6800, Cepheid, protocolo Charité e kit Xgen), e 288 controles (síndromes gripais com

RT-PCR negativo para SARS-Cov-2). O hemograma foi realizado no equipamento XN-10 (SYSMEX) com revisão em lâmina e foram analisados os seguintes parâmetros: nível de hemoglobina (Hb), número de eritroblastos, leucócitos totais, neutrófilos, linfócitos, eosinófilos, desvio à esquerda (presença de metamielócitos), número de linfócitos atípicos e níveis plaquetários. Os pacientes foram divididos em grupos a partir do CT: grupo 1 (1 a 20), grupo 2 (21 a 30), grupo 3 (31 a 40) e grupo 4 (> 40). Para comparação entre grupos foram utilizados os testes ANOVA ou Kruskal-Wallis e comparações múltiplas pelos testes de Tukey e Dunn. **Resultados:** Das 1.218 amostras de infectados, 322 pertenciam ao grupo 1 (alta carga viral), 554 ao grupo 2 (moderada carga viral), 328 ao grupo 3 (baixa carga viral) e 14 ao grupo 4 (muito baixa carga viral). Houve diferença significativa entre todos os parâmetros de hemograma com exceção do número de eritroblastos em relação a todos os grupos (controle e infectados em diferentes grupos de CT). A taxa de Hb foi menor nos grupos 2 e 3 em relação ao controle. O número de leucócitos foi menor no grupo 1 e 2 em relação ao controle, e o número de neutrófilos e leucócitos foram menores no grupo 1 em relação a 2 e 3. O número de linfócitos foi menor em 1, 2 e 3 em relação ao controle, sendo menor no grupo 1 e 2 em relação ao 3. O número de eosinófilos foi menor nos grupos 1, 2 e 3 em relação ao controle sendo menor nos grupos 1 e 2 em relação a 3 e 4. A contagem plaquetária dos grupos 1 e 2 foi menor em relação ao grupo controle e apresentaram menores taxas em relação aos demais grupos de infectados. **Discussão:** Os parâmetros laboratoriais do hemograma mostraram padrão semelhante ao observado em várias infecções virais com queda de Hb, leucócitos, eosinófilos e plaquetas nas fases com maior carga viral, com posterior recuperação destes parâmetros. Entretanto, salienta-se que o grupo controle foi constituído por pacientes com síndrome gripal não SARS-Cov-2, e, assim, é possível considerar que o grupo de infectados pelo SARS-Cov-2 mostrou alterações mais significativas do hemograma desde o momento de alta carga viral até a recuperação em relação ao grupo controle SARS-Cov-2 negativo. Estes dados refletem a fase inicial da pandemia durante a qual as linhagens predominantes foram B.1.1.28 e B.1.1.33 e na ausência de imunização vacinal. **Conclusão:** Concluímos que ao se comparar os resultados laboratoriais de pacientes infectados pela primeira cepa do vírus SARS-Cov-2, esses apresentaram maiores tendências a queda dos parâmetros hematológicos durante o período com maior CV em comparação a infecções por outros agentes etiológicos causadores de síndrome gripal.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2022.09.930>

COMPARAÇÃO DE DUAS METODOLOGIAS DE PREPARO DE BIBLIOTECA DE SEQUENCIAMENTO DE NOVA GERAÇÃO PARA A DETECÇÃO DE MUTAÇÕES EM NEOPLASIAS HEMATOLÓGICAS

MS Basqueira, PHS Rodrigues, RC Petroni,
SEA Rosa, RS Reis, FM Malta, KO Pelegrino,
MC Cervato, NH Muto, PV Campregher